

PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA ORAL

Lorena Almeida Gill
Professora Associada – UFPel

Eduarda Borges da Silva
Mestranda em História – UFPel

INTRODUÇÃO

Contar histórias é próprio de pessoas que viveram desde os mais remotos tempos. A metodologia da história oral (HO), no entanto, surge para o estudo de acontecimentos, conjunturas e indivíduos depois da Segunda Guerra Mundial, a partir do uso de gravadores de voz portáteis, ferramenta importante para a sua realização. A intenção primeira se relacionou com estudos qualitativos, visando abordar, principalmente, os traumas do pós-guerra (MEIHY e HOLANDA, 2006).

Com o passar do tempo a história oral se democratizou e passou a pesquisar os mais diversos temas, mas com forte tendência ao estudo dos que estavam (ou ainda estão) à margem da sociedade: mulheres, negros/as, homossexuais, lésbicas, transgêneros, operários/as e comunidades minoritárias tradicionais. A partir dos anos de 1990, diferentemente da década anterior, os pesquisadores que trabalham com a metodologia, que eram em sua maioria cientistas sociais, passaram a ser os historiadores (AMADO e FERREIRA, 2006).

A HO se sustenta, sobretudo, na atividade de rememorar e no jogo entre memória e identidade. Durante o diálogo em história oral o informante faz escolhas memoriais, movido pelos engajamentos do presente, pelas rememorações do passado e aspirações do futuro (CANDAU, 2011).

Recentemente a atriz Julianne Moore representou uma professora universitária, Alice Howland, que aos 50 anos começou a sofrer com um tipo de Alzheimer precoce. Com esta atuação ganhou o Oscar 2015 de melhor atriz – no filme “Para sempre Alice” (*Still Alice*) dirigido por Richard Glatzer e Wash Westmoreland – e esta doença ganhou novos holofotes. No filme é retratado

como Alice começou a esquecer palavras, localização, rostos. Mostra sua busca por diagnóstico e a devastação da doença, que aos poucos vai fazendo com que não se reconheça mais e nem aqueles que lhe são próximos. A trama aborda principalmente a luta diária de Alice entre lembranças e esquecimentos. Os recursos e tentativas para não perder, ou melhor, prorrogar a perda de suas principais referências como mulher, mãe, esposa, professora.

Apesar do filme mostrar um quadro patológico, permite que se pense, em profundidade, sobre as relações entre memória e identidade.

Esse capítulo pretende expor as etapas da metodologia de história oral, salientando a importância deste campo de atuação e que não há uma única forma de realizá-la ou um guia a ser fielmente seguido, embora Manuais sobre HO tenham sido produzidos (MEIHY, 1998; ALBERTI, 2005; DELGADO, 2010). Os principais aspectos praticados serão apresentados e o leitor pode optar pelo que se adequar mais a sua pesquisa e disponibilidade de tempo. A seguir, serão abordados os tipos de história oral: temática, de vida, tradição oral e o Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas (LaHO-UFPel), espaço de atuação das autoras deste artigo.

1. ETAPAS DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM HO

Inicialmente para se trabalhar com história oral é fundamental definir o objeto de estudo e o projeto de pesquisa, bem como conhecer as principais bibliografias, discussões e fontes documentais do tema escolhido, além de se detectar a viabilidade de encontrar recordadores vivos e dispostos a cederem seus relatos.

O roteiro de entrevista (ver anexo 1) deve possibilitar perguntas amplas, através das quais o narrador possa abordar diferentes aspectos, evitando a possibilidade de respostas simplistas como sim ou não. No caso da história oral temática (HOT) há uma pontualidade maior que na história oral de vida (HOV). Mas ambos os roteiros precisam ser flexíveis, permitindo diferentes formas de

rememorar e contar histórias, visto que quem significa suas rememorações, em primeira instância, é o narrador. Então, se ele decide contar uma história, mesmo que fuja do tema o entrevistador deve ouvir, ainda que depois precise retomar a questão anterior.

As entrevistas, preferencialmente, devem começar pelas pessoas mais idosas ou por aquelas que são mais representativas do grupo. No caso dos mais velhos há sempre preocupação com a sua condição de saúde e na situação dos chamados mais representativos, estes podem abrir portas para novas entrevistas. É usual, ao se fazer o convite, mencionar nomes de outros já entrevistados, para que o futuro narrador possa se informar como ocorreu a entrevista e se sentir mais seguro sobre as intenções do projeto.

Para Portelli (1996, p. 7) a representatividade não se relaciona à trajetória biográfica do narrador, mas pela sua construção textual. “[...] A palavra chave aqui é *possibilidade*. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas”.

É interessante também que dentro de uma temática vários olhares sejam chamados, ou seja, em numa pesquisa sobre a história de uma fábrica, não se deve buscar somente os operários sindicalizados, mas também os que não o são e ainda aqueles que exerceram algum cargo de chefia, em alguns momentos. Deste modo, é possível encontrar conflitos de grupos/hierarquias. Se forem escolhidos operárias e operários, por exemplo, se poderá observar ainda conflitos de gênero. Mas mais do que entrar nos embates de classe ou gênero, as narrações permitirão observar as chamadas memórias em disputa (POLLAK, 1989).

O primeiro contato com o narrador em potencial deve ser feito de preferência pessoalmente; caso não seja possível, pode ser através de um mediador ou pelo telefone. Mas deve-se atentar para particularidades que precisam ser adaptadas no roteiro de questionamentos. Este conterá a síntese das questões levantadas pelo projeto de pesquisa, relacionada ao conhecimento prévio do depoente. Nesta fase se explica ao narrador quais aparelhos

eletrônicos serão utilizados, como serão os procedimentos da entrevista e quais os objetivos da pesquisa.

A entrevista propriamente dita deve ser feita, preferencialmente, com duas pessoas: uma delas intermedia a construção do diálogo e a outra prepara os equipamentos utilizados. É indicado o uso de dois gravadores portáteis de voz e há a possibilidade de utilização de uma câmera de vídeo. Mas o entrevistado deve ser perguntado com antecedência em relação a esta última e caso haja algum constrangimento em relação à filmagem esta deve ser desligada. Os materiais devem ser revisados antes da saída de campo. É pertinente ainda, a utilização de um diário de campo, onde se anotam informações logo após a entrevista, sobre a ambiência, dificuldades sentidas durante o processo, entre outros.

Durante o diálogo gravado o pesquisador deve respeitar os momentos de silêncio ou esquecimento do recordador. Devem-se evitar perguntas longas que dificultem a compreensão ou nas quais o entrevistador deixa expressa sua opinião. A intenção é a de se desviar de questões que exijam respostas muito precisas, como datas ou números. E evitar locais que possam ser interrompidos ou barulhentos. Interessante também é levar recursos para rememoração, quando possível: fotos, jornais e objetos (DELGADO, 2010). No caso de perguntas não respondidas o entrevistador pode retomá-las ao fim da entrevista, de modo mais objetivo, mas percebendo que pode haver uma espécie de negação por parte do entrevistado em respondê-las, por alguma questão subjetiva.

Portelli alerta que no caso de perguntas serem devolvidas ao pesquisador, este deve respondê-las. “Por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha?” (PORTELLI, 1997, p. 22)

A próxima etapa é a transcrição, na qual o áudio é digitado e torna-se um documento escrito. Esta deve ser feita primeiramente tal qual foi narrado, sem cortes ou alterações. Sugere-se este modo:

As passagens pouco claras devem ser colocadas entre colchetes; dúvidas, silêncios e hesitações, identificadas por reticências; risos

devem ser identificados com a palavra riso entre parênteses; o negrito deve ser utilizado para palavras e trechos de forte entonação. Deve-se também atentar para a pontuação, procurando-se assim não alterar o sentido das palavras e das frases. Cabe também registrar que não existe consenso no seio da comunidade de pesquisadores quanto à orientação referente à transcrição dos relatos (DELGADO, 2010, p. 29).

Num segundo momento é revista a transcrição, escuta-se o áudio e faz-se a leitura do material simultaneamente, atentando para possíveis falhas. Nesta revisão há um embate: alguns historiadores orais defendem a manutenção da fala tal qual foi dita e outros entendem que na passagem para o texto escrito, não se devem manter erros ortográficos flagrantes e devem-se ajustar às normas do português escrito, mantendo-se apenas expressões-chave que deem identidade ao grupo. Defendem que além do documento ser escrito, utilizado principalmente na academia, que o narrador ou sua família podem não gostar de vê-lo representado em uma fala com erros. As autoras deste capítulo compartilham desta segunda ideia.

Para dinamizar, no entanto, esta parte da metodologia tendo em vista que, para cada hora de áudio se leva cerca de oito horas de transcrição ou mais, muitos historiadores não trabalham mais nessa perspectiva. Alguns suportes informáticos permitem que palavras-chave sejam buscadas no áudio e assim somente são transcritos trechos utilizados para análise.

Há também aquilo que se pode chamar de uma transcrição mais ampla, na qual o texto da entrevista é reescrito/transformado pelo pesquisador, alterando nomes, lugares e assim por diante. Em alguns casos o texto aproxima história oral e literatura, pois é uma técnica dotada de preocupação estética com o material escrito, embora esta modalidade seja utilizada, sobretudo com o intuito de não identificar o narrador. Corre-se o risco, entretanto, de uma excessiva distorção da entrevista e o não reconhecimento do entrevistado com o relato cedido.

Alguns historiadores orais trabalham com o aceite do narrador via carta de cessão de direitos de uso (ver anexo 2). Este pode ser nominal, ao pesquisador ou a uma instituição, na qual trabalhe. É importante que a carta englobe os fins de utilização da entrevista, por exemplo, pesquisas acadêmicas

e deixe clara a possibilidade dela ser utilizada integral ou parcialmente. Após a transcrição, o material é impresso e levado ao narrador para conferência. O narrador lerá ou a equipe lerá para ele todo o texto e caso queira retirar/mudar trechos tem esta liberdade. Após a leitura, é feita a assinatura do termo de cessão.

Entretanto, por tornar o trabalho burocrático, sobretudo quando o entrevistado é de outra cidade, estado ou país, muitos têm optado pela cessão em áudio ao fim da entrevista. A equipe do LaHO-UFPeI leva as transcrições e busca as cartas de cessão de todos os entrevistados de Pelotas. Com os de outra cidade se trabalha com a cessão em áudio ao fim da entrevista, perguntando a eles se há alguma parte em específico de suas falas que não gostariam que fosse utilizada.

Portelli alerta que para o sucesso de qualquer entrevista em história oral é fundamental ética, respeito e igualdade. O pesquisador deve ter um compromisso na busca da verdade e cumprir todos os acordos feitos com o narrador.

O autor afirma que a história oral é uma experiência desigual, de pessoas diferentes, o entrevistador e o entrevistado. Eles podem ter opiniões políticas e pertencer a grupos sociais diversos, mas no diálogo devem se propor iguais, no “desejo de encontrar um terreno e uma linguagem comum, que possibilitem a troca” (1997, p. 19).

A análise das entrevistas deve ser feita de acordo com os problemas da pesquisa. Quando várias foram realizadas é pertinente cruzar informações/versões, fazer análises comparativas, buscando evidências e conflitos nas narrativas. Ordená-las ou agrupá-las de algum modo é necessário. Podem-se destacar temas gerais e observar como cada depoente os entende. Entretanto, cada narrativa também deve ser analisada como unidade, com significado e compreendê-lo é um dever do pesquisador. E, cabe observar que “sentimentos, emoções, crenças, interpretações [...] até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade” (PORTELLI, 1997, p. 25). Este autor ainda alerta que o documento produzido pode não agradar o narrador porque “nem sempre as encaramos como

gostariam de ver-se ou de se verem representadas”, mas que não há o que fazer. O pesquisador precisa interpretar o documento, pois de qualquer forma toda representação “sempre constitui uma intervenção” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Por um lado, os historiadores orais podem achar que não tem o direito de usar as memórias das pessoas para fazer histórias que contestem ou critiquem seus narradores, e que isso constitui um abuso de confiança. Por outro lado, os historiadores orais podem achar que tem outro dever para com a sociedade e a história, a responsabilidade de contestar mitos históricos que privilegiam certas pessoas em detrimento de outras. Talvez todos os pesquisadores convivam com este dilema, mas para os historiadores orais ele está mais presente, porque mantemos relações pessoais com nossas fontes (AMADO e FERREIRA, 2006, p. 71).

As entrevistas são, em geral, utilizadas parcialmente na forma de citação de trechos do narrador, de acordo com as normas da ABNT, para citações diretas e indiretas, em artigos, banners, exposições, teses ou podem ser publicadas completas na forma de artigos em revistas especializadas.

O armazenamento com duplicação do material, higienização periódica, calor e umidade adequados aos suportes, rebobinagem anual no caso de fitas cassetes, formatação no caso de aparelhos digitais e catalogação são etapas necessárias para a manutenção dos materiais produzidos com a história oral. Muitos espaços aceitam a guarda de fontes, desde que possam ser disponibilizadas à pesquisa junto a suas cartas de cessão. Um destes é o LaHO-UFPeI, o qual será apresentado em seguida.

Uma das questões mais importantes discutidas na história oral é o retorno social das entrevistas aqueles que voluntariamente colaboraram com a pesquisa. Alguns historiadores acreditam que a guarda e divulgação das narrativas e a restituição da gravação seja uma forma de retorno. Outros, que cumprir os acordos é uma espécie de retorno. Portelli (1997, p. 30) defende que “aquilo que restituímos é uma oportunidade para as pessoas [...] organizarem seus conhecimentos com maior clareza: um desafio para aumentarem sua consciência”. Ao longo de pesquisas realizadas, as autoras deste capítulo observaram que o convite para a entrevista, em alguns casos, é percebida pelo entrevistado como um momento de valorização/reconhecimento da sua trajetória de vida ou do seu trabalho para com a comunidade, os quais, muitas vezes, no

caso das pessoas comuns, nunca cederam um relato para ser gravado. Para muitos narradores, a entrevista torna-se um instante de prazer, por compartilharem suas trajetórias e terem a oportunidade de pensar sobre suas escolhas.

2. TIPOS DE HO

Há pelo menos três tipos de História Oral: a de Vida, a Temática e a Tradição Oral (MEIHY e HOLANDA, 2007). Alguns autores/as como Delgado (2010) utilizam outras denominações como trajetórias de vida.

Os depoimentos de História Oral de Vida (HOV) têm roteiros mais abertos geralmente, e se constituem por várias entrevistas/encontros. A duração e a disponibilidade para as entrevistas ficam a cargo do narrador. Podem fazer parte de um projeto de pesquisa temático ou serem biográficas. Para Delgado (2010, p. 22) há três tipos de HOV: “Depoimento biográfico único”: no qual há um único personagem; “pesquisa biográfica múltipla”: conjunto de depoimentos de vários sujeitos e, “pesquisa biográfica complementar”: na qual a história oral não é a fonte principal da pesquisa.

Na História Oral Temática (HOT) o diálogo gira em torno de um tema (o da pesquisa). As perguntas não principiam desde a infância do narrador, como na HOV, a menos que esta questão tenha importância para o tema pesquisado. O roteiro básico tem um papel fundamental e deve ser bem planejado e elaborado para abordar com amplitude e profundidade o objeto-problema. “A hipótese de trabalho nesse ramo da história oral é testada com insistência e o recorte do tema deve ficar explícito de tal maneira que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 39). Na análise desta, há um apreço pelo confronto de versões, já que se necessita de, pelo menos, alguns entrevistados para abarcar o assunto.

A tradição oral é, dentre as modalidades de HO, a mais próxima da etnografia. “Viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos

fenômenos de maneira a oferecer a melhor tradução possível do universo mítico do segmento é um dos segredos da tradição oral" (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 40). Demanda um tempo considerável do historiador oral, pois implica em observações constantes, conhecimento do universo mitológico, descrições minuciosas do comportamento, do cotidiano e da cultura do objeto/comunidade em estudo e o reconhecimento destes (MEIHY e HOLANDA, 2007).

Já as trajetórias de vida são narrativas de vida mais curtas, geralmente sobre algum período da vida do entrevistado, sua infância ou carreira profissional, por exemplo. Trata-se de uma possibilidade de construir um depoimento mais detalhado (DELGADO, 2010).

A história oral tem sido utilizada também para a abordagem das doenças e seus tratamentos e ainda na restituição de identidades de pessoas que sobrevivem ao período crítico delas. Como exemplos são citadas as pesquisas de: Mendonça (2009) que abordou como portadoras de HIV/AIDS percebem e significam as mudanças em sua vida; Panhoca (2013) que escreveu sobre a história de vida de um portador de Alzheimer; Borges e Serres (2014) entrevistaram pessoas que tiveram Hanseníase; Reinaldo (2003) utilizou a história oral de vida para compreender o itinerário terapêutico em saúde mental de um paciente psiquiátrico, Vasentin e Lenardt (2010) utilizaram-na para descrever o itinerário terapêutico de idosos com câncer e Gill (2007) que trabalha com as memórias de médicos e enfermos de tuberculose pulmonar.

Também há possibilidade de se fazer História Oral Pura ou Híbrida (MEIHY e HOLANDA, 2007). Na modalidade pura a contraposição de fontes se dá entre as versões das entrevistas produzidas no próprio projeto com a bibliografia já existente sobre o tema e escolhida/estudada pelo autor. Já na História Oral Híbrida também há o cruzamento – além das entrevistas e da bibliografia – com outras fontes documentais, tais como: jornais, processos judiciais, fotografias.

3. O LAHO –UFPeI

O Laboratório de História Oral (LaHO-UFPel) foi criado em 2010 para salvaguardar, organizar e produzir entrevistas de História Oral, além de discutir a metodologia, em um local próprio. Tornou-se, ainda um espaço de prática dos alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em História da UFPel no manejo com fontes orais, seja para experiências com a metodologia, principalmente aos que pretendem utilizá-la no Trabalho de Conclusão do Curso e na disciplina de História Oral ou para estágios na disciplina de Organização de Arquivos Históricos. Desde a sua inauguração faz parte do Núcleo de Documentação Histórica (NDH-UFPel), um importante Centro de Documentação sobre história social que tem o “objetivo de preservar a história da Universidade, dos movimentos sociais e sindicais, além de partidos políticos da região sul do Estado do Rio Grande do Sul” (LONER e GILL, 2013, p. 242).

Os documentos mais antigos do LaHO são fitas cassete e entrevistas manuscritas que datam de 1992, oriundos de projetos da Prof.^a Dr.^a Beatriz Loner, antes mesmo da criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, o que reafirma o papel precursor do NDH no trabalho com esta metodologia.

O acervo do LaHO contém mais de 150 entrevistas dos seguintes projetos de pesquisa:

- “Colonos da Palma: a individualização do coletivo”, no qual foram entrevistados trabalhadores vinculados ao Movimento Sem Terra, que ocuparam a Fazenda da Palma, propriedade da UFPel, Pelotas-RS.
- “Reconstrução da Memória Histórica da UFPel”, buscou analisar a História da UFPel para que sua memória não se perca, ouvindo fundadores da universidade, em suas várias unidades e também deu atenção a fatos que a marcaram a trajetória da instituição, como o regime da ditadura militar e as eleições para reitor.
- O projeto “Clubes Carnavalescos de Pelotas” foi formulado com o objetivo de salvaguardar a memória de tais clubes, através de entrevistas de História Oral temática e análise da documentação possível, procurando

contribuir para a construção da história da comunidade negra pelotense. Um destes clubes ainda existente na cidade e em atividade é o Fica Aí Pra Ir Dizendo.

- “Os judeus em Pelotas, RS: da perseguição ao estabelecimento”, foi um projeto que entrevistou integrantes de famílias judias, buscando compreender os motivos de sua migração, seus anseios em relação à cidade e a recepção que aqui tiveram.
- “Histórias de uma doença e de seus enfermos: tuberculose e tuberculosos em Pelotas (RS) 1930 – 1960” foi um projeto que possibilitou perceber a história dessa doença na cidade, através de múltiplas visões: do médico, do paciente, dos familiares e de uma visitadora sanitária. O período também é expressivo, pois, na década de 1920 inicia-se a vacinação pela BCG, na de 1930 desenvolve-se a abreugrafia e na década posterior se começa a utilização da estreptomicina, as quais contribuem para aumentar a vida do enfermo e mudar as percepções em relação à doença.
- “Memórias da Cidade: Pelotas através dos seus moradores” se buscou coletar depoimentos de moradores sobre a história de Pelotas. É o único projeto do acervo desenvolvido com a metodologia de História Oral de Vida.
- “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, no qual se observa o cotidiano de vida dos trabalhadores durante a segunda metade do século XX no Brasil, com o objetivo de preservar os relatos destes trabalhadores e verificar suas posições em relação à globalização, que se acredita ser a principal responsável pela extinção da maioria destes ofícios e traçar paralelos e contrapontos entre os ofícios em extinção e os processos da Justiça do Trabalho de Pelotas 1940 – 1995, que integram o NDH. Dentre os ofícios já entrevistados estão os alfaiates, relojoeiros, benzedores (homens e mulheres), parteiras, entre outros. Estas entrevistas foram realizadas nas

idades de Pelotas, Piratini, Jaguarão, São Lourenço do Sul e Sant'ana do Livramento.

Este último é o projeto atual desenvolvido pelo NDH. As narrativas são construídas desde 2009. O número total de entrevistas já é superior a sessenta. Algumas estão em fase de catalogação, outras de transcrição, algumas apenas agendadas. Em 2013 foi lançada a “Exposição Fotográfica Ofícios em Extinção”, com fotos dos narradores que participaram do projeto, produzidas pelo fotógrafo pelotense Vinícius Kusma, pelo LaHO e NDH. Trata-se de exposição itinerante, para divulgar o projeto e possibilitar o acesso dos narradores às suas fotos.

Como resultantes deste projeto destacam-se três pesquisas de maior fôlego, produzidas por ex-bolsistas de iniciação científica que atuaram nele: O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Marciele Agosta Vasconcellos (2012) na UFPel sobre os alfaiates na cidade de Pelotas entre 1940 e 1950; a Dissertação de mestrado de Micaele Irene Scheer (2014) apresentada na PUC-RS sobre o “Setor Calçadista e as Experiências de seus Trabalhadores na Cidade de Pelotas” e, o TCC de Eduarda Borges da Silva (2014) sobre as transformações no ofício de parteira na Região Sul do RS, pesquisa esta que prossegue no mestrado em História da UFPel.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história oral possibilita revelar outros campos para a pesquisa e apresentar novas e múltiplas versões para a história, a partir das memórias dos entrevistados. Com ela é possível coletar informações e reconstruir aspectos que não se encontram em outros tipos de documentos, como experiências pessoais, impressões, estabelecendo evidências com o cruzamento entre as memórias e outras fontes. A partir da HO não se chega somente a história de um acontecimento, mas também a história da memória daquele acontecimento (DELGADO, 2010; ALBERTI, 2004).

Dentre os desafios da história oral está relacionar as múltiplas temporalidades, trabalhar com dois ou mais tempos diferentes, pois as pesquisas em história se reportam ao passado, sobre um acontecimento ou trajetória de vida, avaliam o futuro, embora a entrevista se dê no presente. Recomenda-se que o transcritor faça parte da equipe, visto que seu trabalho influencia na produção do material escrito; o documento deve se reportar a conjuntura em que foi produzido, mas inevitavelmente sofrerá alterações de interpretação quando for buscado em outros contextos. O documento pesquisado geralmente é o escrito, através do qual não se percebem expressões e emoções, portanto acessar o áudio e o vídeo é um recurso importante, mas nem sempre possível.

Apesar das inúmeras críticas sofridas em seu início, atualmente a história oral não é mais marginal. Integra currículos de graduação e pós-graduação em muitas universidades no Brasil e no exterior, além das instituições públicas e privadas como Centros de Documentação, Museus e Arquivos e é considerada, até pelos mais céticos, uma metodologia consolidada em pesquisas qualitativas nas Ciências Humanas e Sociais.

No entanto, não poucas vezes ainda é confundida com as entrevistas de cunho jornalístico e as chamadas semi-estruturadas. Serão sintetizadas algumas diferenças fulcrais, tomando por base as principais formas que a história oral vem sendo praticada nos espaços universitários do Brasil: é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador; são realizadas mais de uma visita ao narrador; o contato precisa ser pessoal, não pode ser via internet; o pesquisador estabelece compromissos éticos com o colaborador; o bem-estar do entrevistado é prioridade; é permitido ao narrador que retire ou modifique trechos de sua fala; o historiador oral atenta não somente as respostas de suas indagações, mas considera importante também o que o narrador quer contar; a duração da gravação é determinada mais pelo narrador, pelo que ele tem a contar, que pelo entrevistador; os tempos de fala respeitam aquele que conta, se tem paciência com suas lembranças, esquecimentos, emoções; se estabelece um diálogo no qual muitas vezes as perguntas são devolvidas ao pesquisador e este também deve estar aberto a contar sobre sua vida.

A pertinência da utilização da história oral em outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, para além da história, se sustenta pelo fato de se constituir a partir de fontes do presente, as quais contribuem para se pensar nas temáticas desenvolvidas pelo Direito, Sociologia, Psicologia, Serviço Social, dentre outros cursos.

A história oral ainda pode ser utilizada junto com outras metodologias qualitativas como a etnografia e a observação participante. Tal prática é recorrente, sobretudo em trabalhos antropológicos e mostra-se frutífera, principalmente quando o pesquisador dispõe de tempo e condições para as saídas de campo.

Cabe ainda reafirmar a importância do desenvolvimento de estudos sobre a memória e suas (dis)funcionalidades e o papel que a história oral pode ter como mecanismo para apreensão e análise desta. Ainda na fase inicial da doença Alice, protagonista do filme “Para sempre Alice”, citado na introdução deste capítulo, reflete sobre sua condição e a relação da memória como construtora e reconstrutora de identidades, corroborando com o que Bosi (1994, p. 55) já alertara: “A memória não é sonho, é trabalho” (1994, p. 55).

[...] Sou uma pessoa no estágio inicial de Alzheimer. E, assim sendo, estou aprendendo a arte de perder todos os dias. Perdendo meus modos, perdendo objetos, perdendo sono e, acima de tudo, perdendo memórias. Toda a minha vida eu acumulei lembranças. Elas se tornaram meus bens mais preciosos. [...] Meu maior desejo é que meus filhos, nosso filhos, a próxima geração não tenha que enfrentar o que estou enfrentando. [...] Não estou sofrendo. Estou lutando. Lutando para fazer parte das coisas, para continuar conectada com quem fui um dia. [...]. (GLATZER e WESTMORELAND, 2015, 67-71 min [trecho transcrito e traduzido]).

Em suma, este capítulo pretendeu abordar a metodologia da história oral em suas diversas perspectivas, visto que não há uma normatização sobre o modo de desenvolver trabalhos com HO, mas formas diferentes de se pensar sobre as temáticas a ela subjacentes. De outra forma, a intenção foi também a de divulgar projetos relacionados ao NDH, que em 2015 completa 25 anos e também o Laboratório de História Oral, o qual reúne mais de 150 entrevistas, sobre temas os mais variados, disponível à comunidade acadêmica e geral.

Referências:

Fontes:

Acervo do Laboratório de História Oral do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Rua Alberto Rosa, nº 154, Sala 143, Centro, Pelotas – RS – Brasil.

GLATZER, Richard e WESTMORELAND, Wash. **Para sempre Alice** [filme]. Estados Unidos, 2015. 101 min e 34 seg. Disponível em: <http://www.filmesonlinegratis.net/assistir-para-sempre-alice-legendado-online.html> Acesso em: 02 de abril de 2015.

Bibliografias:

ALBERTI, Verena. Ouvir contar. **Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Trindade Viviane; SERRES, Juliane Primont. Narrativas sobre o velho leprosário: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS). In: **História oral**. V. 17, nº 1, p. 119-134, jan.-jun. 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

DELGADO, Lucília. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GILL, Lorena. Relatos sobre uma doença e os seus enfermos: a tuberculose e os tuberculosos em Pelotas (RS) 1930-1960. **Anais do XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – 2007, p. 1-9. <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0225.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2015.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. O trabalho de um Centro de Documentação: O Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 9, nº 2, p. 241-256, jul.-dez. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2º ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MENDONÇA, Liana Souto Corrêa de. Histórias de enfrentamentos: as portadoras da infecção pelo HIV/AIDS em Pelotas (RS). **Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)** – Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009.

PANHOCA, Ivone. Histórias de vida de pessoas com doença de Alzheimer: Linguagem e presença de sujeito. In: **Estudos Linguísticos**. V. 42, nº 2. São Paulo, maio-ago. 2013. p. 878-888.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, nº. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História oral diferente. In: **Projeto História**, nº 14. São Paulo, PUC, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**, nº 15. São Paulo, PUC, p. 13–33, 1997.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

REINALDO, Amanda Marcia dos Santos. O itinerário terapêutico em saúde mental pela história oral de vida de um paciente psiquiátrico. **Dissertação**

(Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2003.

SCHEER, Micaele Irene. **Vestígios de um Ofício:** o Setor Calçadista e as Experiências de seus Trabalhadores na Cidade de Pelotas. 2014. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica-RS, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Eduarda Borges da. **Narrativas paridas:** Entre higienização e industrialização, parteiras da Região Sul do RS rememoram seu ofício. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

VASCONCELLOS, Marciele Agosta. **À moda dos alfaiates:** Nuances de um ofício artesanal na cidade de Pelotas, nas décadas de 1940 e 1950. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

VISENTIN, Angelita; LENARDT, Maria Helena. O itinerário terapêutico: história oral de idosos com câncer. In: **Acta Paul Enferm.** V. 23, nº 4, p. 486-492, 2010.

Anexo 1

ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA PROFISSÕES EM EXTINÇÃO

1. Nome
2. Data de nascimento
3. Profissão

4. Local em que mora. Sempre morou na região?
5. Escolaridade
6. Nome dos pais – profissão deles
7. Cidade do nascimento
8. Estado civil
9. Tem filhos?
10. Nome dos filhos e profissão deles
11. Fale sobre sua profissão. Quando começou a exercê-la? Como era em seu início e como é hoje?
12. Como é a sua rotina de trabalho?
13. Quando iniciou havia mais pessoas que se dedicavam ao mesmo ofício? Lembra de outros nomes?
14. Alguém o influenciou para iniciar no ramo?
15. Como era o rendimento no início do negócio e como é hoje?
16. Quem são os seus clientes principais?
17. O número de pessoas que o procura diminuiu? Por que motivo?
18. Pensa em mudar de ramo por algum motivo?
19. Já ensinou o seu ofício para alguém? Pretende fazê-lo?
20. Se tivesse que escolher hoje qual profissão seguir, escolheria esta ou outra?

Anexo 2

TERMO DE CESSÃO

Pelotas,

de 2015.

Eu, _____
carteira de identidade nº. _____, declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em
____/____/____ para o NDH (Núcleo de Documentação Histórica da
Universidade Federal de Pelotas) usá-la integralmente ou em partes, sem
restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins de
pesquisas acadêmicas.

Assinatura

Como citar:

GILL, Lorena e SILVA, Eduarda. Perspectivas para a História Oral. In: Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachineto. (Org.). **Metodologia em Ciências Sociais Hoje**: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed.Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126.
<https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2021/05/Historia-Oral-e-suas-perspectivas-metodologicas-capitulo-de-livro.pdf>